

SUMÁRIO



Prefácio – A casinha no meio do jardim, 11

Apresentação, 13

PARTE I

Reflexões sobre psicoterapia 15

Um pouco da minha experiência, 17

Uma visão de psicoterapia, 19

Conversando com meus botões..., 27

Voltando no tempo, 37

Psicoterapia: memória e tempo, 45

O terapeuta como figura: reflexões, 61

Atrevendo-me a escrever textos, 71

Carta para meu amigo Paulo, 77

Conversando com uma jovem estudante, 81

Carta para um novo amigo, 87

PARTE II

Reflexões sobre a vida e outros escritos 93

O antiquário, 95

Uma menina chamada Luli, 101

Duas meninas e a caixinha de sonhos da infância, 107

Tempo de Páscoa, 113

Conversando com Frei Betto, 119
Acompanhando as voltas que o mundo dá, 123
O caminho que leva à maturidade, 133
Setembro, com os ipês floridos, 141

Conclusão, 145

Epílogo – O resgate do diálogo, 147

PREFÁCIO

A CASINHA NO MEIO DO JARDIM



Lendo os escritos de Jean Clark Juliano, me lembrei da história contada por um amigo.

Um professor de ioga, que morava no Rio de Janeiro, decidiu que queria construir uma casa para a cerimônia do chá no pequeno jardim que cultivava em Santa Teresa. Soube que morava em São Paulo um velho sábio japonês especialista em casas de chá.

Achou o velhinho e o convidou para visitá-lo no Rio de Janeiro. O sábio chegou e pediu para ver o jardim. E lá ficou durante horas. Andava de um lado para o outro, parava num canto, olhava em volta, olhava para cima, depois mudava de lugar. Quando reapareceu, pediu para voltar no dia seguinte e recomeçar o trabalho. Voltou e de novo ficou horas no jardim. Quando terminou, o professor, inquieto e respeitoso, perguntou quando poderia ver o projeto da casa.

“Projeto? A casa não tem projeto”, reagiu o sábio. “Não sou eu quem escolhe o lugar. Ela escolhe onde vai nascer. E vai crescer como uma planta. Planta lá tem projeto? E o senhor quer saber mais? Eu não sei quanto tempo vai levar até ela escolher o lugar. Será o tempo que for...”

O amigo que me contou essa história foi um dia visitar o antigo professor. Sabia que a casa para a cerimônia do chá tinha sido construída. Entrou e, enquanto conversava com o velho mestre, buscava pelas janelas algum sinal da casa no jardim. Percebendo a curiosidade do meu amigo, o professor convidou-o até o canto de

uma janela. E apontou para onde se via apenas o topo da casa de chá. Lá estava ela, assentada no pequeno jardim. Quando visitaram a pequena construção, o professor revelou outra característica da casa de chá: o caminho para a porta nunca é uma reta. Ele também passa por onde tem de passar.

Gosto de pensar que o terapeuta é como o sábio que nos ajuda a andar pelo jardim, procurando o local para erguer a casa da cerimônia do chá. Ele também nos ajuda a erguer a casa, sem projeto, como uma planta cujas raízes se firmam dentro de nós. Essas raízes abrem espaço para a planta que será a casa. E então faremos as cerimônias que festejarão a simplicidade de viver. Também com o terapeuta aprendemos que o caminho para a porta da casa nunca é uma linha reta: é preciso passar por curvas e desníveis, mas com a ideia de aonde chegar sempre muito presente. Nas nossas cerimônias pode-se até beber chá, mas o que conta é o respeito e o cuidado com que oficiamos nossa busca.

Este livro aborda muito mais do que experiências terapêuticas. Jean conta mitos e sonhos, memórias e lições. Como o velho sábio andando pelo jardim, ela circumambula – como gosta de dizer – pelas experiências vividas em todas as etapas pessoais e profissionais de uma vida intensa. Tão intensa que, ao chegar ao epílogo e contar como a vida a surpreendeu nos últimos anos, a revelação é forte e ao mesmo tempo tranquila.

Este é um livro que se lê pensando na própria vida, sem deixar de se fascinar pelo relato da autora. No fim, pelo menos para mim, ficou mais fácil entender por que a casa escolhe o lugar onde quer crescer, sem se impor, fazendo parte do jardim e mostrando apenas o que quer mostrar. São assim os escritos de Jean Clark Juliano: mostram que o caminho não é uma reta, mas sempre leva lá, onde a gente quer, tantas vezes sem saber. Mas confiando no velho sábio, que constrói casinhas para a cerimônia de celebrar a vida com uma simples xícara de chá.

Thomaz Souto Corrêa
Jornalista

APRESENTAÇÃO



Eis-me aqui diante de uma pilha de textos meus, das mais diferentes origens. Esses escritos não estão organizados em ordem cronológica, e sim em “temas”.

Estou um pouco ansiosa, curiosa para saber qual vai ser sua reação ao que vai ler. Vou falar um pouco de mim para que você possa se localizar.

Sou uma das fundadoras do grupo de Gestalt do Brasil, criado há mais de quarenta anos. Assim, o livro começa com alguns comentários sobre a Gestalt e sobre a minha forma de trabalhar. Há alguns textos infantis, que provocam em nós uma suave nostalgia em relação ao aparecimento da “criança interna”. Em outros momentos, relato situações tristes ligadas à maturidade e ao processo de envelhecimento. Além disso, adicionei cartas enviadas a amigos queridos.

Cada texto tem o seu “tom” de Gestalt – de modo sutil, é verdade, mas muito presente. Para quem sabe ver...

Falo um pouco de teoria, só para situar o leitor diante daquilo que está escrito. Teoria não é o meu forte. Meus textos vêm do contato com o cliente e/ou da minha imaginação. Acredito que a imaginação é o melhor bálsamo para as dores que nos assaltam de vez em quando.

A Gestalt de hoje está em plena transformação. Já se fala em Gestalt-literatura, baseada na aceitação de troca de histórias entre

terapeuta e cliente, o que outrora constituía um pecado mortal! Utilizo muitos contos de fadas, e também tenho a sorte de deparar com um fenômeno chamado “serendipidade”.

A palavra *serendipity* foi usada pela primeira vez em 1754 pelo escritor inglês Horace Walpole (1717-1797), ao mencionar a lenda persa “Os três príncipes de Serendib” (antigo nome do Ceilão, atual Sri Lanka). Segundo a história, três irmãos, filhos de um sábio rei, saíram sem destino pelo mundo, a mando do próprio pai, com o objetivo de enfrentar o desconhecido e encontrar coisas que não estavam especificamente procurando. Nesse percurso, acabaram descobrindo maravilhas por “acidente”, usando sagazmente a intuição.

De fato, muitas descobertas não são aleatórias, mas dependem de pessoas talentosas e criativas. Acho que a expressão “Atirou no que viu e acertou no que não viu” ocorre em psicoterapia. Quantas vezes lutamos bravamente para desvendar um tema obscuro com o cliente e de repente nos damos conta que esse mesmo tema está bem debaixo do nosso nariz?

Muitas vezes, diante de um grande sofrimento, surge uma pessoa em que confiamos. Então, trocamos histórias e dores e nos surpreendemos e passamos por uma renovação de vida, pelos caminhos mais desconhecidos.

Desejo que este livro desperte a “serendipidade” em você.

PARTE 1

REFLEXÕES

SOBRE PSICOTERAPIA



UM POUCO DA MINHA EXPERIÊNCIA



Tenho o orgulho de ser da primeira turma de psicólogos formados pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde trabalhei por 23 anos como professora e coordenadora de grupos nas áreas referentes à psicoterapia.

Sou pioneira na introdução de Gestalt-terapia no Brasil. Estudei com os principais terapeutas e pensadores dessa abordagem. Fundadora do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo, sou atualmente consultora dos diversos cursos de aperfeiçoamento e de pós-graduação em várias regiões do país. Além de psicoterapeuta há mais de quarenta anos, sou esposa, mãe e avó.

Apesar de todo o treinamento recebido na faculdade, eu não queria ser posta numa forma pronta na qual deveria caber de qualquer jeito. Eu almejava moldar um jeito próprio de trabalhar, baseado na intuição. Com a passagem do tempo, comecei a ter muito prazer em escrever, deixando de lado a postura fóbica que me perseguia cada vez que eu tinha de apresentar uma palestra ou participar de uma mesa-redonda.

Com o uso do computador e do e-mail, comecei a trocar textos com colegas que muito me incentivaram.

A escrita surgiu mais recentemente, refletindo o desejo entusiasmado de deixar registrados fatos vividos e situações curiosas na forma de contos e histórias. O jeito é prosseguir nessa empreitada.

Partindo desses textos, criei um trabalho em grupo que denominei “Trabalhando com-textos”. Assim, passei a usar meus escritos como aquecimento para aprofundar a discussão sobre um tema proposto.

Hoje eu não poderia categorizar meu trabalho, dizendo que pertence a esta ou àquela escola. Só sei com certeza que a Gestalt que conheci não é mais a mesma. O espaço cresceu muito, podemos e devemos dialogar. A literatura está entrando sem pedir licença, e com base nela podemos iniciar um novo tipo de trabalho.

O uso de textos amplia enormemente o diálogo entre o terapeuta e o cliente. E é disso que precisamos, porque o ponto mais crucial da terapia é a facilitação do entendimento entre os dois. Um conto, uma história, uma fábula a respeito da família, todos funcionam como um laboratório sem assustar o cliente. A antiga insistência em ficar no aqui e agora se tornou obrigatória, exigindo que se ficasse num já imediato.

Depois que comecei a trabalhar com a literatura, notei que clientes e amigos, vagarosamente, começaram a tirar seus escritos do fundo da gaveta. Aos poucos, criou-se uma ciranda de pessoas que, emocionadas, também se tornaram contadoras de histórias.

UMA VISÃO DE PSICOTERAPIA



A importância de ler o mundo
antes de ler a palavra, ou
tributo a Paulo Freire

Como eu disse anteriormente, este livro não pretende ser acadêmico. Um de seus objetivos é servir como uma trilha que oriente o leitor interessado em psicoterapia. Pessoalmente, gosto de trabalhar com histórias, fatos ocorridos e contos de fadas, pois os considero instrutivos sem serem ameaçadores.

Escute. Aprenda. Continue. Essa é a essência de todo conto.

Quando prestamos atenção nas mensagens do passado, percebemos que há padrões desastrosos, mas também aprendemos a prosseguir com a energia de quem percebe as armadilhas antes de ser capturado por elas. Surgem novas oportunidades de consertar o estrago, de moldar nossa vida da forma que emocionalmente merecemos.

Nos contos de fadas estão gravadas ideias infinitamente sábias que durante séculos se recusaram a se deixar mutilar, desgastar. Desde a descoberta do fogo, os seres humanos se sentem atraídos pelos contos místicos. Por quê? Porque eles apontam para um fato importante: embora a alma, em sua viagem, possa tropeçar ou se perder, no fim ela reencontrará seu coração, sua natureza divina, sua força, seu caminho para Deus em meio à floresta sombria – ainda que leve vários episódios para descobri-los ou recuperá-los.

Dito isso, falarei dos diversos passos que damos do início ao fim do trabalho terapêutico. Pretendo discutir a ideologia subjacente a ele e as possíveis intervenções que surgem durante o processo.